

Uma confusa tentativa de explicar o Brasil

Um explicou que "o Brasil voltou ao normal", à sua crise permanente. Outro, que no Brasil de hoje não se pode prever o que acontecerá na semana que vem. E mais um, o único brasileiro à mesa de Conselho das Américas, no Departamento de Estado norte-americano, garantiu que "o Brasil é um ótimo investimento a longo prazo", acalmando a platéia de banqueiros, empresários, investidores e políticos com seu otimismo, às vezes bem-humorado.

"O Brasil pode até voltar a falar com o FMI" — antecipou o presidente da Sid Informática, Antonio Carlos Rego Gil, que "não conseguia explicar o Brasil para a IBM", quando trabalhava lá, e que também já estava "cansado" de tentar explicar a IBM para o Brasil.

A reunião de ontem no Departamento de Estado tinha o objetivo de investigar "o clima de negócios no Brasil", no contexto de mais uma assembléia do Conselho das Américas. Hoje, último dia de reuniões, o tema será a dívida externa em geral, os meios de enfrentá-la e os obstáculos que devem ser superados para que os países endividados possam se recuperar e crescer. Falarão, entre outros, o presidente do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, e o ministro da economia da Argentina, Mario Brodersohn, abrindo um debate de que participarão o FMI, o Federal Reserve System, o Departamento do Tesouro e o vice-presidente do Chemical Bank.

A reunião sobre o clima de negócios no

Brasil foi aberta e presidida pelo embaixador dos EUA no País, Langhorne A. Motley, que nasceu no Rio de Janeiro e serviu em Brasília entre 1981 e 83. E além do brasileiro Antonio Carlos Rego Gil, sentava-se na mesa o ex-presidente da Anderson Clayton brasileira, Donald E. Wilson, hoje aposentado. Foi ele quem disse algo que pareceu surpreender seus dois companheiros à mesa: que o adiamento do Plano Cruzado II para depois das eleições serviu para levar mais deputados conservadores para a Assembléia Constituinte.

Para Donald Wilson, "os bancos e firmas estrangeiras estão esperando um sinal claro do Brasil". Ele comparou o cruzado ao dólar, quando se trata de construir novas capacidades no Brasil, criticou Funaro por querer grandes concessões dos credores estrangeiros sem dar nada em troca, "nem mesmo um plano econômico", e também o Brasil, por tender a desarmar seus problemas, ao invés de solucioná-los. "Mas não vejo nada ameaçador no futuro", disse à platéia.

O que poderia perguntar a platéia de banqueiros, investidores, industriais, políticos e diplomatas sobre o Brasil, depois que os jornais norte-americanos mostraram neste fim de semana o que aconteceu no Brasil nos últimos dias? A primeira pergunta foi sobre impostos que desencorajam os investimentos estrangeiros. Serão mudados?

A resposta, dada por Antonio Carlos Re-

go Gil, foi a de que não se deveria esperar muitas mudanças aí, "pois é tempo de Constituintes, e a presente situação deverá ser mantida". O ex-embaixador Motley acrescentou um pedido: "Temos que esperar a poeira assentar". A segunda pergunta já foi sobre a dívida, procurando uma definição clara: quando recomeçarão os pagamentos?

"Não sei", respondeu Motley.

As diferenças entre a crise de 1982 e a de hoje foram analisadas por Donald Wilson e ilustradas por uma constatação:

"Os bancos (estrangeiros) não estão chamando ninguém de volta do Brasil..."

O que vai acontecer agora, no Brasil: eleições antecipadas? E quem as ganharia? — Perguntou alguém não identificado. Não houve uma resposta, mas uma análise da situação, por Antonio Carlos Rego Gil, que concluiu que o presidente Sarney deve permanecer ainda no poder, já que os grandes partidos não sabem quais seriam seus candidatos.

— Quando que o Brasil vai para o FMI?

Resposta de Gil: "Chame pelo nome que você quiser, mas penso que nós já estamos num tipo de programa do FMI. Não acho que teremos negociações com o FMI, mas algum tipo de palavra terá que ser inventada para o que vai acontecer: monitoramento? visão panorâmica?"

Donald Wilson concluiu: "Acho que nunca mais haverá um escritório do FMI no palácio presidencial em Brasília".

Moisés Robinvici, de Washington